

## **DIDÁTICA, CURRÍCULO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

José Airton de Castro Bezerra<sup>1</sup>  
Liana Nise Martins Albuquerque<sup>2</sup>

### **RESUMO:**

Apesar das tentativas de construção de uma educação mais moderna, que impulsiona a necessidade de mudanças nas práticas educacionais realizadas no dia a dia, percebemos que essas mudanças enfrentam a força dos paradigmas newtoniano-cartesiano que permeiam ideias e ações educacionais tradicionais, que tendem a reproduzir uma postura de resultados, de metas e propósito direto a ser atingido. A escola mais ativa ensina e possibilita a formação educacional de alunos e alunas que tenham condições de pensar, compreender, investigar e buscar respostas diante das inquietações educacionais. A trajetória educacional nos ensina que existem profissionais da educação que usam uma didática que aprenderam na sua própria formação, ao longo da vida, com base numa visão da sociedade sobre a aprendizagem. Entretanto, verificamos que, nos ambientes educacionais, esse aprendizado denota aspectos que apontam a distância da teoria e do conhecimento didático, com atitudes e práticas pedagógicas tradicionais. Educação de qualidade demanda uma ação pedagógica, pautada no conhecimento e em metodologias de ensino inovadoras. Por isso, se faz necessário o debate sobre o uso da didática e as complexidades que envolvem o ato de ensinar, oriundo do ato de aprender. Esse é um estudo bibliográfico, com propostas, argumentações e reflexões a partir dos teóricos Libâneo (2004), Beltrão (2000), Behrens (2005), entre outros. Pensar a didática educacional envolve uma mudança de propostas pedagógicas, além da necessidade contínua de formação, qualificação, especialização, capacitações, visando à desconstrução de ideias e práticas educacionais tradicionais enraizadas na ação educativa. Desse modo, podemos pensar um processo de fluxo contínuo da didática, que envolve a forma de ensinar e de aprender, no sentido de que as ações educacionais estão na busca de promover uma educação com base nas potencialidades e habilidades dos alunos e alunas para aprenderem e assimilarem os conhecimentos que estão relacionados à capacidade histórica da formação humana.

**PALAVRAS-CHAVE: DIDÁTICA, CURRÍCULO, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, FORMAÇÃO**

### **INTRODUÇÃO**

Diante das necessidades atuais, a sociedade educacional está cada vez mais ampliando as oportunidades de acesso, de comunicação e de participação na sociedade. Nessa perspectiva, precisamos destacar a importância das mudanças que ocorreram na educação brasileira, particularmente em decorrência das mudanças das políticas educacionais, das influências internacionais de modernização que motivaram e proporcionaram uma sociedade mais competitiva, dinâmica, com tendências e teorias em

---

<sup>1</sup> Professor convidado da Faculdade Plus – FP. E-mail: [joitoca@hotmail.com](mailto:joitoca@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: [lianalise2010@gmail.com](mailto:lianalise2010@gmail.com)

constantes debates, argumentações e práticas na formação da sociedade. A educação é uma proposta de sociedade.

Existe uma relação direta entre a forma de ensinar, de usar e de colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da formação humana. Aqui objetivamos debater sobre o uso da didática e as complexidades que envolvem o ato de ensinar, oriundo do ato de aprender. Por isso, é relevante apontar uma inquietação: quais as implicações educacionais sobre as formas de ensinar e aprender?

Necessitamos uma escola mais ativa, que possibilite a formação educacional de alunos e alunas que tenham condições de pensar, compreender, investigar e buscar respostas às inquietações educacionais, sociais, econômicas e culturais. Isso requer uma escola com uma prática educacional realizada por profissionais da educação em todos os níveis da formação humana, motivados para uma didática moderna, que tem como base uma abordagem científica pedagógica e educacional, ou seja, um agir educacional que prioriza as aprendizagens através das metodologias de ensino, conceitos e práticas de mediação na construção, interpretação e análises sobre os conhecimentos trabalhados.

Conforme Libâneo (2004, p. 05);

A razão pedagógica está também associada, inerentemente, a um valor intrínseco, que é a formação humana, visando a ajudar os outros a se educarem, a serem pessoas dignas, justas, cultas, aptas a participar ativa e criticamente na vida social, política, profissional e cultural.

Aprendemos na nossa história, enquanto humanidade, como as mudanças de uma cultura focada nos aspectos religiosos, radicais, centralizados de poder nas mãos de poucos foram questionadas, quebradas e desestruturadas ao longo dos séculos da idade média. Essa perspectiva de uma sociedade não mais pautada no poder hierarquizado foi substituída pelo poder institucionalizado através dos chamados estados nações, numa construção ideológica de dominação que defende os direitos e os deveres institucionais.

De acordo com Behrens (2005, p. 17); “O século XX manteve a tendência do século XIX, fortemente influenciada pelo método cartesiano – a separação entre a mente e matéria e a divisão do conhecimento em campos especializados em busca de uma maior eficácia”. Para a autora, uma forma de reducionismo dos saberes existenciais, numa fragmentação dos conhecimentos sobre si mesmo, dos princípios sociais e dos valores e sentimentos.

Os seres humanos passam a buscar respostas para compreensões antes apontadas como paradigmas, em que as teorias, tendências educacionais e a didática da constituição do ser, através da formação da humanidade aprendem que precisam de conhecimentos, fato que está relacionado diretamente à forma de aprender, de ensinar e de utilizar os conhecimentos. Nessa relação, os profissionais da educação usam uma didática que aprenderam na sua própria formação ao longo da vida, com aspectos que apontam a distância da teoria e do conhecimento didático, quando a educação de qualidade demanda uma ação pedagógica ou educacional pautada no conhecimento e nas metodologias de ensino.

Uma educação que prioriza o ato de aprender, ao invés de resultado imediatos; entretanto, para que essa concepção seja alcançada, compreendemos que ainda precisamos criar, elaborar, construir práticas pedagógicas e educacionais para serem efetivamente aplicadas nas instituições educacionais através de políticas institucionais e formativas, para minimizar esses atos de conflitos nos espaços educacionais, promovendo uma educação com mediação, respeito, ética, civilidade e com base argumentativa, ao invés de uma educação hierarquizada, dominadora e opressiva.

Apesar das tentativas de construção de uma educação mais moderna, que impulsiona a necessidade de mudanças nas práticas educacionais realizadas no dia a dia, percebemos que essas mudanças filosóficas, ideológicas e sociais enfrentam a força dos paradigmas newtoniano e cartesiano que defendem a razão e a experimentação como capazes de responder às inquietações dos seres humanos.

De acordo com Beltrão (2000, p. 10)

Numa perspectiva libertária contemporânea, a escolarização pode ser analisada enquanto dispositivo de poder em funcionamento, repetindo até a exaustão rotinas de pensamento e de ação que atualizam normas e leis que só permitem pensar dentro do até pensado, e agir nos limites do até então realizado. Nesse sentido, a escola regular consagra com suas práticas um regime de verdade no qual a liberdade é liberdade para cumprir a Lei, seja de Deus, do Estado ou da normalidade, tênue linha que separa, para o especialista, o comportamento normal do anormal. A partir daí, a igualdade só existe perante as leis, que por si só são injustas; e o apoio mútuo é um artifício do qual o interesse se vale para o exercício da competição econômica, social e/ou política.

Assim, estamos construindo uma humanidade massificada pelo pensamento reducionista, fragmentado e racional, vivenciado através do individualismo, do isolamento e das atitudes institucionalizadas que estão presentes nos processos de globalização neoliberal que buscam colocar as responsabilidades pelo sucesso, fracasso e

conquista no outro e apontam para uma sociedade mecanicista de competitividade, de reprodução das atividades científicas, dentre elas a da formação educacional e do conhecimento institucionalizados, fatores que refletem na didática nas instituições educacionais.

Ainda de acordo com Behrens (2005, p. 21),

A tendência acentuada nas universidades passa a ser tecnicizante, com finalidade específica de objetivar a natureza. Com esse pensamento, caracteriza-se por uma formação utilitarista, técnica e científica.

Observa-se, assim, a partir da formação educacional, na história da educação brasileira, que as instituições técnicas de ensino, com cursos especializados, foram promovidas a partir de um modelo de formação, principalmente no sentido da repetição técnica do conhecimento, uma educação industrial, fabril, sem a necessidade de fazer os alunos pensarem, refletirem, questionarem.

Para Teodoro (2003):

O desenvolvimento da escola para todos – mass schooling, na terminologia anglo-saxônica -, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, assentou na concretização, mesmo que limitada, do ideal social-democrático de igualdade de oportunidades. Assumia-se como objetivo central das políticas públicas a construção de uma escola que acolhesse a todos, independentemente da condição social, econômica e cultural, e a todos permitisse oportunidade de promoção social, profissional e cultural (p. 44)

Esse conhecimento científico que é ensinado aos alunos e alunas em todos os níveis e cobrado a partir da ideia de resultados e metas, motiva os seres humanos a priorizarem a razão e deixar de lado sentimentos, como solidariedade, sensibilidade, afetividade e companheirismo. Uma educação baseada em números; essa é uma tendência didática educacional de formação, que tem como forma de ensinar um modelo pautado pelo sistema trabalhista.

Assim, as escolas estão desenvolvendo suas ações pedagógicas direcionadas ao processo de desfazer uma cultura da visão heliocêntrica, da obediência do sistema, da violência simbólica, das práticas opressivas e da hierarquização institucionalizada, na qual fomos inseridos. Uma cultura que fez parte por muito tempo da história da sociedade educacional na qual convivemos. Uma visão de sociedade tradicional, enraizada em paradigmas e costumes de uma concepção seletiva, excludente e monopolizada de

interesses de classes, em que os seres humanos crescem e podem afetar diretamente o outro, sem pensar e se colocar no lugar desse outro.

Nesse momento da história da educação, a eficiência e eficácia, entre outros aspectos que são considerados necessários para uma formação profissional, induz a formação educacional de crianças, jovens e adultos para responderem à lógica da fábrica, da indústria, do comércio, uma cultura educacional que vai imprimindo uma didática educacional de resultados, diante das necessidades básicas da sociedade que colocam no ensino uma ideia de reprodução, fato ainda considerado nas instituições educacionais na atualidade e programas governamentais.

Nesse sentido, compreendemos que as teorias educacionais e a didática, sejam elas evolucionistas, construtivistas ou sociointeracionistas, relacionadas às ideias de criticidade, de pensamento lógico, de relatividade, de física quântica, de sustentabilidade, de ação social e cultural, entre outras, precisam ser analisadas, estudadas e criticadas, principalmente como forma de ensinar e pensar o ensino, para que seja possível entender os fenômenos a partir de métodos científicos. Isso numa desconstrução dos paradigmas educacionais tradicionais, que tiveram e ainda têm uma base nas ideias dessa sociedade sobre a educação e a forma de ensinar.

Por isso, saberes, conhecimentos acumulados e ensinados ao longo dos anos na formação educacional estão sendo questionados, levando a reflexões sobre a prática educacional tradicional, assim como da didática moderna, motivando as ações para novas possibilidades de ensino e de aprendizagens de forma permanente, haja vista que os saberes e conhecimentos estão em constante transmutação de ideias.

Para Libâneo (2004, p. 06);

O que está em questão é como o ensino pode impulsionar o desenvolvimento das competências cognitivas mediante a formação de conceitos e desenvolvimento do pensamento teórico, e por quais meios os alunos podem melhorar e potencializar sua aprendizagem. Em outras palavras, trata-se de saber o que e como fazer para estimular as capacidades investigadoras dos alunos, ajudando-os a desenvolver competências e habilidades mentais.

As tendências educacionais, as metodologias de ensino e a didática que são representadas, incorporadas nas ações de indivíduos ou grupos educacionais são motivadas por padrões de comportamentos, sejam aqueles que querem reforçar algo existente ou apenas confrontar os paradigmas da humanidade. Assim, em ambos os casos, essas ações educacionais geram uma necessidade de entendermos as teorias e as práticas

educacionais no dia a dia, considerando que a forma de ensinar e os recursos utilizados estão diretamente relacionados à didática.

É preciso desenvolver, aprimorar cada vez mais as ações educacionais e práticas pedagógicas, numa didática mais moderna, por meio das ações que são realizadas na maneira que se ensina e possibilitar um pensamento sobre o aprender, os paradigmas, conteúdos escolares e os conhecimentos de mundo. Nesse sentido, as inquietações, as rejeições e as mudanças são importantes para demonstrar que a formação educacional é um processo dinâmico e contínuo e que as construções da didática, das metodologias de ensino, das teorias e práticas educacionais são processos humanos.

Dessa forma, as teorias, as tendências, a didática e as metodologias educacionais são utilizadas na humanidade para formar um pensamento, por meio da construção de saberes e de vivências que causam impacto no pensamento e nas ações diárias em médio ou longo prazo, através de uma ação sistêmica que ressalta a interligação, numa rede de ligação mutável e inconstante dos seres humanos holísticos, que vivenciam o desafio de desequilíbrios decorrentes das quebras das teorias newtoniana-cartesiana de ensino e de aprendizagem numa realidade paradigmática educacional e social.

Para Fernandes (2000, p. 33);

O conhecimento do que, hoje em dia, se passa nas escolas revela, todavia, que a mudança idealizada não se impõe facilmente e que, mesmo que os conceitos evoluam no sentido pretendido, isso não se traduz necessariamente numa mudança de práticas, evoluindo os sistemas educativos muito lentamente. Os professores não aderem facilmente às reformas propostas centradas pelos governos nem se empenham na mudança se eles próprios não participarem na definição do que deve ser mudado, compreenderem o sentido da mudança e perceberem os seus benefícios.

Nesse caso, é preciso experiências pedagógicas e educacionais que contribuam com uma construção dos saberes, das ideias, dos entendimentos, principalmente diante da necessidade de rupturas ou da diminuição de ideias preconcebidas ou pré-noções sobre diversos assuntos, mais especificamente para que possam levar em consideração outros aprendizados, uma vez que a didática atual motiva, estimula e proporciona oportunidades de aprender, discutir, analisar as inquietações, as angústias e os questionamentos referentes às ciências humanas, aos conhecimentos, aos saberes e à vida em sociedade.

Assim, diante da dinâmica contínua da aprendizagem, a partir do uso da didática, dos conhecimentos, da informação, dos saberes, podemos aprender de diferentes maneiras, formas e perspectivas, algumas delas passam pelas necessidades, curiosidades

epistemológicas e pela própria autoavaliação. Por isso, o uso de recursos pedagógicos gera inquietações sobre o ato de aprender; quando utilizamos uma educação problematizadora, argumentativa, significativa, estamos desenvolvendo uma mediação do conhecimento e saberes para uma assimilação e um aprendizado.

Essas motivações, inquietações e curiosidade que impulsionaram a aprendizagem, surgem das práticas educacionais, com habilidades, competências e propostas metodológicas, para interagir com o ato de aprender do outro. Nesse sentido, podemos argumentar que as dinâmicas das interações educacionais não precisam tomar como base a ideia de controle, fiscalização ou até imposição sobre as formas de participação e de aprendizado; precisamos usar a didática como recurso nesse processo, possibilitando discussões e reflexões a partir da própria curiosidade humana. Consideramos que os profissionais da educação devem ser os mediadores que atuam numa prática didática e ética, com direcionamento em compreender a plenitude do aprender, das relações humanas, das vivências e experiências.

Assim, alguns podem até discordar desses pontos destacados ou de outros aspectos dos conteúdos trabalhados. Isso é didático, uma vez que existem diversas variáveis no processo de aprender, no sentido de que o ato de aprender é uma escolha, como aprender a viver numa sociedade ética que não depende apenas de um, mas do outro no processo. Isso reflete uma proposta de educação moderna, em que o aprendizado não é algo estagnado, mas uma relação com a existência e a vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Partimos do entendimento de que educação é algo complexo e de que devemos ter na didática uma construção do ato de ensinar, no contexto de uma sociedade que exige uma constante percepção das ações educacionais e pedagógicas, no sentido de que aprendemos a partir de construções sociais, modelos educacionais, por meio de diferentes ações humanas que são influenciadas pela relação com a sociedade que estamos vivenciando.

Assim, devemos considerar que ainda temos muitos processos, ideias, teorias e conceitos práticos a serem pensados e utilizados na didática educacional, alguns para adequações diante das necessidades atuais que foram se modificando ao longo dos

períodos da história da educação brasileira para acompanhar as transformações e propostas de uma educação cada vez mais moderna e participativa.

Nesse cenário, torna-se cada vez mais importante a formação profissional com base em conhecimentos teóricos, metodológicos e científicos, contrapondo-se às ideias sociais, tradicionais de ensino e de aprendizagem, enraizadas na ação educativa. Para isso, os profissionais da educação precisam ir em busca dos conhecimentos por meio da qualificação, especialização, capacitações.

Desse modo, podemos pensar um processo de fluxo contínuo da didática, que envolve a forma de ensinar e de aprender, no sentido de que as ações educacionais estão na busca de promover uma educação com base nas potencialidades e habilidades dos alunos e alunas para aprenderem e assimilarem os conhecimentos que estão relacionados à capacidade histórica da formação humana.

#### **REFERÊNCIAS:**

BELTRÃO, Ierecê Rego. **Corpos doces, mentes vazias, corações frios**. Didática: o discurso científico do disciplinamento. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

BEHRENS, Marilda A. **O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

FERNANDES, Margarida Ramires. **Mudança e Inovação na pós-modernidade – perspectivas curriculares**. Porto: Porto Editora, 2000.

LIBÂNEO, J. C. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov. **Revista Brasileira de Educação**, n. 27, p. 5–24, set. 2004.

TEODORO, Antonio. É possível uma política de educação à esquerda? Uma reflexão sobre possibilidade e esperança na ação política. **Revista Lusófona de Educação**, 2º semestre de 200, 3, p.43-51.